

EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO ESTRATÉGIA PARA PARTICIPAÇÃO NO MERCADO FINANCEIRO: UM ESTUDO COM DISCENTES DA ÁREA DE NEGÓCIOS DAS IES DA PARAÍBA

MARIANA SANTOS DE QUEIROZ

Universidade Estadual da Paraíba

PEDRO GUILHERME SIQUEIRA DE SOUSA PIRES

Universidade Estadual da Paraíba

LÍLIAN PEROBON MAZZER

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

Esse trabalho teve como objetivo verificar a relação da Educação Financeira com as decisões de investimentos no Mercado Financeiro Brasileiro, especialmente com os discentes das áreas de negócios das IES do estado da Paraíba. Para atingir o objetivo, foi realizada uma pesquisa com 122 estudantes dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas através de um questionário adaptado dos estudos de Atkinson e Messy (2012), Amorim et.al., (2018) e Amadeu (2019). Os resultados evidenciaram que os discentes apresentam um bom nível de conhecimento financeiro, visto que em todos os quesitos analisados o percentual de acerto foi superior a 83%. Quando foi analisado se a Educação Financeira contribui para se tornar um investidor, 83,7% dos respondentes afirmaram que sim, demonstrando a importância do tema para proporcionar conhecimentos para que os indivíduos possam investir com sabedoria e dessa forma melhorar o seu bem estar financeiro. Além disso, percebeu-se que 63,1% não participam do mercado financeiro como investidor e 36,9% dos respondentes realizam algum tipo de aplicação. Estes preferem investir na caderneta de poupança e ações. Os principais motivos para os discentes não se tornarem investidores são a ausência de recursos e ausência de conhecimentos, cada quesito tendo 46,2% e 37,2% de afirmações, respectivamente. Aproximadamente 46,7% dos estudantes afirmaram que o principal objetivo de se fazer um investimento é o retorno financeiro, enquanto 25,4% afirmaram que é a formação de uma poupança para utilização futura. Por fim, a maior parte dos estudantes (52,5%) possuem um perfil Moderado em comparação ao risco de investir.

Palavras chave: Educação Financeira, Investimentos, Discentes.

1. INTRODUÇÃO

A complexidade dos mercados financeiros ao redor do mundo, aliado aos avanços tecnológicos provocaram mudanças significativas na sociedade, visto que a partir desse cenário, para que as pessoas possam atuar e tomar decisões financeiras acertadas são necessários conhecimentos financeiros, no qual são fornecidos por intermédio da Educação Financeira (OCDE, 2005; Lucci, Zerrenner, Verrone & Santos, 2006; Amadeu, 2009; Lusardi & Mitchell 2011; Vieira, Bagtalia & Sereia, 2011; Atkinson, & Messy, 2012; Potrich, Vieira, & Kirch, 2015; Melo, 2016; Soares, 2017; Conceição & Braga, 2019).

Todavia pesquisas nacionais e internacionais realizadas com diferentes segmentos populacionais (Chen & Volpe, 1998; Savoia, Saito & Santana, 2007; Atkinson & Messy 2012; Potrich, Vieira e Kirch; 2015; Silva, Leal & Araújo 2018) evidenciaram que os conhecimentos financeiros desses são insatisfatórios, ocasionando em problemas como endividamentos, inadimplências e ausência de reservas financeiras.

Frequentemente as pessoas são influenciadas a consumir de maneira excessiva, seja através de propagandas, ou por influência dos grupos nos quais elas pertencem. Esse consumismo exagerado, a falta de planejamento financeiro e a facilidade ao crédito, aliados com a ausência da educação financeira, acabam resultando em inadimplências. Santos (2017) ressalta que é necessário compreender sobre a questão financeira justamente para não ser conduzido a uma situação de endividamento.

Os indivíduos não possuem conhecimentos financeiros básicos, com isso quando são confrontados com situações que exijam a tomada de decisão, elas tendem a ser inadequadas, com isso prejudicando seu bem estar (Oliveira, Marinho & Lima, 2020). Para solucionar problemas relacionados com o analfabetismo financeiro, é de suma importância que sejam promovidas ações visando proporcionar conhecimentos para a população (Potrich, Vieira, & Kirch, 2015).

Os problemas financeiros podem surgir devido ao analfabetismo financeiro, além de provocar efeitos negativos na vida particular, também prejudica toda a economia, pois o Sistema Financeiro Nacional de um país, reflete as decisões que são tomadas individualmente (OCDE, 2005; Chen & Volpe, 1998; Vieira, Bagtalia & Sereia, 2011).

O nível limitado de poupança existente é resultado principalmente do analfabetismo financeiro, dívidas obtidas, bem como o que para muitos significam um dilema, seja satisfazer as necessidades imediatistas, ou aplicar os recursos e esperar benefícios futuros, através de investimentos (Magro, Gorla, Silva & Hein, 2018).

A teoria do capital humano defende que o nível de educação de um indivíduo, é uma das variáveis que contribuem para aumentar os ganhos financeiros e consequentemente melhorar o seu bem estar (Schultz, 1961). No campo da educação financeira, apoiando se nessa teoria, através de investimentos em conhecimentos financeiros, as pessoas seriam capazes de tomarem decisões mais acertadas, incorrendo em benefícios financeiros, que iriam refletir em todo sistema financeiro.

Um nível melhor de educação financeira, incorre em maiores probabilidades da existência de poupança, nos países que possuem altas taxas de reservas financeiras, um dos fatores para essa ocorrência, está relacionada com a conscientização sobre finanças (Melo, 2016).

A educação financeira possui o condão de influenciar de maneira positiva, a inserção de investidores no mercado financeiro, visto que demonstra o funcionamento desse sistema, e ainda subsidia os agentes com informações de cunho financeiro, para que esses possam escolher entre as aplicações disponíveis e assim obter as melhores taxas de rentabilidade

(Lusardi & Mitchell, 2011; Clark, Lusardi & Mitchell, 2014; Amorim, Lucena, Girão & Queiroz, 2018).

No cenário nacional, os brasileiros não possuem conhecimentos sobre as variadas opções de investimentos disponíveis no mercado financeiro, aqueles que possuem algum excedente, realizam aplicações na caderneta de poupança, pois apesar de não ser considerado um dos investimentos mais atrativos, é o mais tradicional por não exigir conhecimentos complexos (Júnior & Ramos, 2012; Ferreira, 2019).

Diante o contexto apresentado, o presente trabalho irá buscar resolver o seguinte problema de pesquisa: A Educação Financeira influencia a inserção dos discentes da área de negócios das Universidades Paraibanas no Mercado Financeiro?

Logo, essa pesquisa tem como objetivo geral, Verificar se a Educação Financeira influencia na inserção dos discentes da área de negócios das Universidades Paraibanas no Mercado Financeiro Brasileiro. Para conseguir alcançar o objetivo geral da pesquisa, os seguintes objetivos específicos foram traçados: verificar se os cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, contribuem de maneira positiva para um melhor conhecimento financeiro dos discentes; analisar as percepções dos discentes sobre educação financeira e Analisar as percepções dos discentes sobre investimentos.

Essa pesquisa se torna relevante por ter o objetivo de verificar como é a relação da educação financeira com as decisões de investimentos no Mercado Financeiro Brasileiro, especialmente com discentes das áreas de negócios de Instituições Públicas e Privadas situadas no estado da Paraíba, analisando se esses cursos influenciam de alguma maneira um melhor comportamento financeiro dos graduandos, além de contribuir cientificamente com as pesquisas já realizadas que abordam o assunto. Tendo em vista que a educação financeira é um assunto discutido mundialmente, na qual vem sendo considerada como um diferencial para que as pessoas possam interagir em um Sistema Financeiro cada vez mais complexo, principalmente pelos benefícios que ela acarreta, tanto no bem estar individual, bem como no melhoramento de toda economia.

Uma pesquisa nacional realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), publicada em 2020, evidencia que mais da metade da amostra analisada não realiza poupança, o que em termos percentuais representa 52,1%. Para aqueles que reservam parte de seus recursos financeiros 62% escolhem a caderneta de poupança para fazer suas aplicações, isso reflete a falta de conhecimentos financeiros, pois em alguns casos a rentabilidade proporcionada pela caderneta de poupança é muito inferior, quando comparada com outras opções disponíveis no mercado.

Para tanto, o artigo foi organizado em cinco seções, são elas: a introdução, no qual apresenta um panorama geral sobre a pesquisa; a fundamentação teórica, que trará uma abordagem da visão dos autores pesquisados; os procedimentos metodológicos, que demonstram como a pesquisa foi realizada; Discussão e Análise Dos Resultados e as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Educação Financeira

Conforme explica a OCDE, Educação Financeira é definida como:

O processo pelo qual consumidores/investidores financeiros aprimoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informação, instrução e/ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança

para se tornarem mais conscientes de riscos e oportunidades financeiras, a fazer escolhas informadas, a saber onde buscar ajuda, e a tomar outras medidas efetivas para melhorar seu bem estar financeiro". (OCDE, 2005)

A educação financeira através da propagação de conhecimentos, favorece a capacidade das pessoas tomarem decisões financeiras mais acertadas, propiciando uma administração de recursos mais equilibrada (Savoia, Saito & Santana, 2007). Ela instrui os indivíduos para que quando confrontados com situações que exija a tomada de decisão, sejam escolhidas aquelas opções mais seguras e benéficas e dessa forma contribui para que esses interajam ativamente no Sistema Financeiro, favorecendo seu bem estar (Amadeu, 2009; Júnior, Sousa & Santos, 2015; Gorla, Magro, Silva & Nakamura, 2016; Silva, Leal & Araújo, 2017).

A educação financeira é responsável por auxiliar escolhas mais conscientes, proporcionando ferramentas que irão capacitar às pessoas através do aprendizado, pois diante da grande complexidade dos produtos financeiros, são de grande importância que sejam considerados os benefícios e riscos associados aos produtos que estão sendo adquiridos (Vieira, Bagtalia & Sereia, 2011; Melo 2016).

Os sujeitos no decorrer da vida, precisam escolher entre uma diversidade de opções financeiras, indo desde alternativas simples a complexas, no entanto para isso é necessário informação e conhecimento, logo a Educação Financeira é considerada como um diferencial nessas situações (Lucci, Zerrenner, Verrone & Santos, 2006; Gorla, Magro, Silva & Nakamura, 2016).

As pessoas que possuem conhecimentos relacionados com conceitos básicos de finanças, apresentam maiores probabilidades de tomarem decisões eficientes, quando confrontadas com situações cotidianas, que demandam esse tipo de informação (Atkinson, & Messy, 2012). Com isso os indivíduos adquirem competências para administrar seus recursos financeiros de maneira mais satisfatória, diminuindo a possibilidade de incorrerem em problemas financeiros (Potrich, Vieira & Kirch, 2015; Magro, Gorla, Silva & Hein, 2018; Conceição & Braga, 2019).

O conhecimento financeiro exerce papel importante no desenvolvimento de atitudes e comportamentos adequados (Lusardi & Mitchell, 2014; Potrich, Vieira & Kirch, 2015). O comportamento financeiro é uma das variáveis mais importantes, pois, pessoas com hábitos de planejamento e controle, promovem um impacto significativo no seu bem-estar financeiro, todavia aqueles indivíduos que se comportam de maneira inadequada como uso excessivo de crédito, ausência de planejamento e controle, apresentam maiores probabilidades de comprometer os seus recursos (Atkisson & Messy, 2012).

Contudo, a ausência de conhecimentos financeiros, pode gerar sérios problemas como endividamento, inadimplências, ausência de reservas, entre outros (Kühl, Valer & Gusmão, 2016). A realidade brasileira demonstra que a carência de conhecimentos financeiros entre todos os grupos populacionais é preocupante, sendo importante ampliar as medidas para solucionar o problema, pois num país onde o número de endividados atinge grandes proporções, as informações financeiras seriam fundamentais para controlar as dívidas e possibilitar o consumo mais consciente (Silva, Leal & Araújo, 2018).

Torna-se cada vez mais importante e necessário, que as pessoas possuam competências financeiras para que possam tomar boas decisões, visto que essas escolhas serão refletidas em benefícios tanto no âmbito individual, como também em toda a economia (Chen & Volpe, 1998). Muitas das vezes conhecimentos sobre a ótica financeira são obtidos de maneira informal, através de amigos, família, mídias, entre outros (Soares, 2017).

Logo, devem ser incentivadas ações relacionadas com a propagação da educação financeira, devido aos benefícios que ela proporciona como o bem estar financeiro pessoal e social (Lusardi & Mitchell, 2014; Júnior, Sousa & Santos, 2015). Várias entidades estão empenhadas em fomentar o conhecimento financeiro dos indivíduos, a nível mundial pode se destacar a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE, um órgão responsável por disseminar e desenvolver políticas públicas preocupa-se com a disseminação de estratégias de Educação Financeira nos seus países membros e parceiros.

Percebe-se a iniciativa dos governos em realizar ações voltadas para educar suas populações, no que tange ao aspecto financeiro (Atkinson & Messy, 2012; Potrich, Vieira & Kirch, 2015). Os indivíduos devem ter acesso a esses conhecimentos financeiros, desde o início de sua vida, as ações devem ser promovidas no ambiente escolar (OCDE, 2005).

Em âmbito nacional, o governo federal, sendo um dos parceiros da OCDE, criou em 2010, através do Decreto nº 7.397/2010, a Estratégia Nacional da Educação Financeira - ENEF, com a finalidade de desenvolver ações que possam contribuir para que os brasileiros tomem decisões mais conscientes, no aspecto relacionado às finanças, favorecendo o desenvolvimento da cidadania (Soares, 2017).

2.2. Teoria do Capital Humano

Schultz (1961) e Becker (1962) são considerados os precursores da Teoria do Capital Humano. O primeiro foca na economia agrícola e no entendimento da pobreza, já o segundo, enfatiza o lado social analisando diversas variáveis, sendo educação, a principal.

Sendo assim, Cunha, Júnior e Martins (2010) ressaltam que essa teoria tende a ter uma maior importância nos países subdesenvolvidos do que nos desenvolvidos, devido a péssima distribuição da educação entre força e trabalho. Schultz (1961), Becker (1962) e Mincer (1974), em seus estudos evidenciam que o nível de escolaridade do indivíduo é a forma mais apreciável do capital humano.

Costa e Miranda (2016, p. 3) ressaltam que “este arcabouço busca explicar os ganhos de produtividade a partir da escolaridade, desenvolvendo um modelo em que os indivíduos mais escolarizados se tornam mais produtivos e aptos a desempenhar novas tarefas e a enfrentar ambientes em mudança com mais facilidade”.

Para Viana e Lima (2010) a educação pode ser vista de duas maneiras distintas: i - consumo e ii- investimento a longo prazo. Primeiramente por evidenciar gastos para seu andamento, que posteriormente transforma-se em investimento, esse podendo “aumentar” as futuras rendas dos estudantes.

A teoria do Capital Humano afirma que quanto maior a qualificação escolar maior a qualidade de vida dos indivíduos, em função de um ganho de renda maior que decorre, ou seja, são variáveis diretamente proporcionais (Costa & Miranda, 2010).

2.3 Educação Financeira como estratégia de investimentos no Mercado Financeiro

A Educação Financeira apresenta papel relevante no contexto do Mercado Financeiro, pois fornece ferramentas para que as pessoas possam participar de maneira ativa desse sistema, e dessa forma contribui com o bem estar financeiro individual, bem como com o crescimento de todo país (Amorim, Lucena, Girão & Queiroz, 2018).

Ela é um instrumento essencial para auxiliar no crescimento econômico, incentivando práticas de poupança e investimentos, contudo o que se percebe é que a maioria da população não apresenta esses comportamentos financeiros (Melo, 2016; Costa, Martins Gonçalves, Macarenhas & Marçal, 2018; Oliveira, Marinho & Lima, 2020).

A decisão em aplicar os seus recursos financeiros em determinados ativos é muito importante, pois para que esses investimentos resultem em benefícios financeiros para o investidor, são demandadas informações e conhecimentos sobre o assunto, para que a escolha tomada seja acertada (Júnior & Ramos, 2012; Rashid, Jantan & Fairuz, 2020). As informações fornecidas por intermédio da Educação Financeira, servem de subsídio para tomada de decisão eficiente, para que com isso o indivíduo possa optar por investimentos que estejam alinhados com seu perfil (Kuhl, Valer & Gusmão, 2016).

Realizar aplicações financeiras de maneira consciente, incorre em benefícios financeiros para o investidor, todavia a ausência de Educação Financeira pode comprometer as decisões a serem tomadas, e isso acaba gerando problemas sob a ótica financeira (Costa, Martins Gonçalves, Macarenhas & Marçal, 2018).

Quando as pessoas decidem aplicar os seus recursos, é de suma importância que sejam analisadas as variáveis envolvidas na operação, e tenham consciência das escolhas que estão sendo tomadas, como a relação de risco e retorno do investimento (Lucci, Zerrenner, Verrone & Santos, 2006). Ter a habilidade de realizar bons investimentos, e conseguir o retorno almejado, é considerado um diferencial para uma vida financeira mais segura e equilibrada, tanto no momento presente, quanto no futuro (Clark, Lusardi & Mitchell, 2014).

Portanto, é de extrema importância que sejam incentivadas ações relacionadas com a Educação Financeira, como também que os indivíduos sejam incentivados a participarem do Mercado Financeiro e dessa forma usufruir do benefícios que esse pode proporcionar, contribuindo assim para uma vida financeira equilibrada (Amorim, Lucena, Girão & Queiroz, 2018).

2.4 Estudos anteriores

Tabela 1 - Estudos relacionados ao tema

Autores e ano	Objetivo geral	Principais achados
Lucci, Zerrenner, Verrone & Santo (2006)	Verificar se os conhecimentos aprendidos de administração financeira fazem com que os indivíduos se tornem mais conscientes sobre suas decisões financeiras	O conhecimento em conceito sobre finanças aprendido na universidade influenciou positivamente a qualidade da tomada de decisões financeiras, mesmo sem uma avaliação da qualidade do ensino.
Junior, Santos & Souza (2015)	Identificar o perfil investidor dos universitários de três universidades, levando-se em conta os critérios que induzem esses alunos a investir e os principais tipos de investimentos financeiros utilizados	Percebeu-se que a maior parte dos universitários investe, opta por poupança e, como tal, podem ser considerados com perfil moderado.
Costa, Martins, Gonçalves, Mascarenhas & Marçal (2018)	Identificar o perfil de possíveis investidores em uma IES, bem como o conhecimento dos mesmos em relação ao mercado financeiro, com seus riscos e oportunidades.	O perfil de investimento que prevaleceu entre os pesquisados foi o de conservador, pela razão de possuírem precaução financeira, mais apesar disso, acredita-se que a formação acadêmica dos pesquisados, contribuiu para que se encontrasse um perfil de investidor conservador e até moderado e destacou-se como importante fator de influência

		para as decisões de investimentos.
Amorim, Lucena, Girão & Queiroz (2018)	Averiguar a influência do nível de educação financeira dos discentes da área de negócios da UFPB sobre a probabilidade de participação no mercado de capitais,	Verificou-se que o aumento de pontuações adquiridas nas questões de conhecimento financeiro refletiram em uma maior probabilidade de inserção nesse mercado.
Rashid, Jantan, Fairuz & Halim (2020)	Examinar o papel do conhecimento financeiro e da alfabetização financeira nas prioridades de investimento entre estudantes universitários.	Verificou-se que a literacia financeira teve um efeito positivo significativo ($R^2 = 0,677$) nas Prioridades de Investimento. No entanto, a educação financeira teve menos importância para alcançar um efeito positivo mínimo sobre a Literacia Financeira da mesma forma que a Educação Financeira e Prioridades de Investimento.

Fonte: Elaborado pelos autores

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender ao objetivo proposto foi utilizado uma pesquisa descritiva, pois buscou descrever se há influência da educação financeira na inserção de investidores no Mercado Financeiro Brasileiro. Para dar suporte teórico, foram utilizados artigos nacionais e internacionais, como também abordagem da teoria do capital humano.

Inicialmente, foi aplicado um pré-teste com seis alunos e dois professores do curso de Bacharelado em Ciências Contábeis para conseguir definir a versão final do instrumento de coleta. Marconi e Lakatos (2009) ressaltam a importância da avaliação prévia do instrumento de coleta, que tem como objetivo corrigir possíveis erros no processo de elaboração, consequentemente impossibilitando responder o problema de pesquisa. Após a aplicação do pré-teste, as observações fornecidas pelos respondentes foram analisadas, sendo possível chegar na versão final do instrumento deste estudo.

O instrumento utilizado foi um questionário baseado nos estudos de Atkinson e Messy (2012), Amorim et.al., (2018) e Amadeu (2019), com alguns ajustes para atender ao objetivo da pesquisa. Tal, foi dividido em quatro seções, a primeira tratou de identificar características do perfil socioeconômico dos discentes, como, sexo, idade, o tipo de instituição que o indivíduo estuda (privada ou pública), estado civil, curso de graduação entre outros quesitos. A segunda seção do instrumento analisou a percepção dos estudantes sobre educação financeira, a terceira seção buscou identificar se os alunos detêm de conhecimentos financeiros, e a quarta e última seção tratou da percepção dos discentes sobre investimentos.

A aplicação do questionário ocorreu através da plataforma *google forms*, onde 122 estudantes, sendo 99 alunos de contabilidade, 20 de administração e 3 de economia. Ressalta-se o anonimato dos respondentes. O universo da pesquisa foram todas as Instituições de Ensino Superior - IES da Paraíba que ofertam cursos da área de negócios. Para tanto, foi enviado emails para as direções e coordenações das IES, solicitando que enviasse aos alunos das suas respectivas instituições. Após a aplicação do questionário, os dados foram analisados por meio de uma estatística descritiva, onde foi possível correlacionar os resultados obtidos com os estudos tanto da tabela 1, como com outros demais estudos.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Essa seção trata da apresentação e análise dos dados obtidos, através da estatística descritiva. Inicialmente na primeira seção é demonstrado o Perfil Socioeconômico dos discentes, logo em seguida, as percepções dos discentes sobre Educação Financeira, a terceira seção evidencia sobre os conhecimentos financeiros, e por fim, a última seção aborda sobre a Percepção dos discentes sobre investimentos.

4.1. Perfil Socioeconômico dos discentes

A tabela 2 evidencia o Perfil Socioeconômico dos Discentes da amostra analisada, que correspondeu a um total de 122 respondentes, demonstrando as características pessoais desses.

Tabela 2 – Dados socioeconômicos dos respondentes

Sexo								
Masculino						Feminino		
45,90%						54,10%		
Idade								
Até 20 anos	De 21 a 25 anos		De 26 a 30 anos		De 31 a 35 anos	De 36 a 40 anos		Acima de 41 anos
18,9	45,1		20,5		5,7	3,3		6,6
Estado Civil								
Solteiro (a)			Casado (a)/ União Estável			Separado (a)/ Divorciado(a)		
79,50%			18,90%			1,60%		
Instituição de Ensino Superior								
Pública						Privada		
95,90%						4,10%		
Curso de Graduação								
Administração			Ciências Contábeis			Ciências Econômicas		
16,40%			81,10%			2,50%		
Período que cursa								
1º/2º		3º/4º		5º/6º		7º/8º		9º/10º
16,40%		13,90%		19,70%		27%		23%
Principal Fonte de Renda								
Bolsa da Universidade	Empr. Formal			Empr. Informal		Não trabalho, mas ganho mesada		Não possuo renda
9%	42,60%			16,40%		12,30%		19,70%
Faixa de Renda Mensal								
Até R\$ 500,00	De R\$ 500,01 até R\$ 1.000,00		De R\$ 1.000,01 até R\$ 1.500,00		De R\$ 1.500,01 até R\$ 2.500,00		Acima de R\$ 2.500,00	
32%	23%		20,50%		16,40%		8,20%	
Você tem algum dependente financeiro								
Sim						Não		
29,50%						70,50%		
Qual o maior grau de escolaridade dos seus pais								
Analfabeto	Ens. Fund. Comp	Ens. Fund. Incom	Ens. Méd. Comp	Ens. Méd. Incom	Ens. Sup. Compl.	Ens. Sup. Incom	Pós- Grad. Comp	Pós- Grad. Incom
3,30%	9,80%	16,40%	35,20%	7,40%	15,6%	6,60%	4,10%	1,60%

Fonte: Elaborado pelos autores

Mediante análise da tabela 2, foi possível identificar que em relação ao sexo, não houve predominância de um em específico, sendo composta de 56 respondentes do sexo masculino, representando em termos percentuais (45,9%), já em relação ao sexo feminino 66 mulheres o que representa, (54,1%) , apesar disso o sexo feminino apresentou a maior representatividade. Em relação à idade, percebe-se que a maior parte dos respondentes tinham entre 21 a 25 anos (45,1%). No que tange ao estado civil, (79,5%) dos estudantes eram solteiros. A Instituição de Ensino que apresentou maior representatividade foram as Universidades Públicas (95,9%), no que concerne ao curso de Graduação, Ciências Contábeis obteve maior destaque representando em termos percentuais (81,1%). Já no tocante ao período estudado foi possível observar uma grande paridade, entre os semestres, sendo 1º/2º (16,4%), 3º/4º (13,9%), 5º/6º (19,7%), 7º/8º (27%), 9º/10º (23%). Quando questionados sobre a maior grau de escolaridade dos seus pais, os níveis de Ensino mais representativos foram o Ensino Médio Completo (35,2%) e Ensino Fundamental Incompleto (16,4%).

Em relação a variável Renda, quando questionados sobre qual era a sua principal fonte, (42,6%) da amostra analisada respondeu que era emprego formal, enquanto (19,7%) afirmaram não possuir renda. Os achados dessa pesquisa corroboram com Amadeu (2009) no qual o emprego formal também a maior representatividade (76,83%). No tocante a faixa de renda mensal, 32% disseram receber até R \$500,00, enquanto 23% afirmaram receber na faixa de R \$500,01 até R \$1.000,00. No que concerne a dependentes financeiros, 70,5 % não possuem.

4.2. Percepções dos Discentes sobre Educação Financeira

Tabela 3 – Planejamento financeiro

Qual horizonte do planejamento financeiro?					
Semanalmente	Quinzenalmente	Mensalmente	Anualmente	Não faço controle	
12,3%	3,3%	63,1%	4,9%	16,4%	
Em relação a sua poupança mensal, você costuma:					
Até R\$ 100,00	De R\$ 100,01 até R\$ 200,00	De R\$ 200,01 até R\$ 300,00	De R\$ 300,01 até R\$ 500,00	Acima de R\$ 500,00	Não poupo
32,8%	19,7%	11,5%	3,3%	8,2%	24,6%

Fonte: Elaborado pelos autores

Na tabela 3 que trata do planejamento financeiro, a maior parte da amostra afirma realizá-lo, em relação ao horizonte, percebe-se que a maioria dos estudantes o fazem mensalmente, o que em termos percentuais representa (63,1%), todavia (16,4%) não faz nenhum tipo de planejamento. Quando questionados se possuíam o hábito de poupar, e os valores mensais poupados, (32,8%) afirma poupar mensalmente até R\$100,00, acima de 500,00 (8,2%), e (24,6%) disseram que não realizam poupança. Tais dados correlacionam-se com o estudo de Santos (2017), onde a autora revela em seu estudo que cerca de (26,67%) da sua amostra não costumam poupar absolutamente nada e apenas (6,67%) poupa acima de 300 reais por mês.

Tabela 4 – Conhecimento financeiro

Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro?	%	As disciplinas cursadas durante a graduação influenciaram no seu comportamento financeiro:	%
Nada seguro	6,6	Não influenciaram	16,4
Não muito seguro	27	Influenciaram pouco	32,8
Razoavelmente seguro	50	Influenciaram razoavelmente	24,6
Muito seguro	16,4	Influenciaram muito	26,2

Seus conhecimentos sobre educação financeira, influenciaram sua inserção no mercado de financeiro como investidor?	%	Como você controla os seus gastos mensais?	%
Sim, meus conhecimentos influenciaram	83,7	Na memória	37,7
		Extrato bancário	24,6
Não, meus conhecimentos não influenciaram	16,3	Planilha eletrônica	26,2
		Anotando no papel	28,7
		Aplicativo de celular	36,9
		Outros	7,4
		Não controlo meus gastos	6,6

Fonte: Elaborado pelos autores

Na tabela 4, quando confrontados como se sentiam a respeito dos conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro na tabela 4, a maior representatividade que os discentes afirmaram foi que se sentiam Razoavelmente seguro (50%) “Eu conheço a maioria das coisas que eu precisaria saber sobre o assunto”, enquanto (27%), afirmaram não se sentir muito seguro “Eu gostaria de possuir um nível muito melhor de Educação Financeira”. Esses resultados ratificam o que aborda no estudo de Conceição e Braga (2019), onde pode-se observar que grande parte dos respondentes se sente “nada seguros” (15,69%), ou ainda não muito seguros, (28,43%). Já no estudo de Santos (2017) nota-se que boa parte dos discentes sentem segurança e confiança ao gerir suas finanças pessoais, dos entrevistados cerca de (67,67%). Apesar dessa pequena diferença nos resultados, constata-se que em nenhum dos estudos houve um nível alto de alta segurança para gerir seu próprio dinheiro.

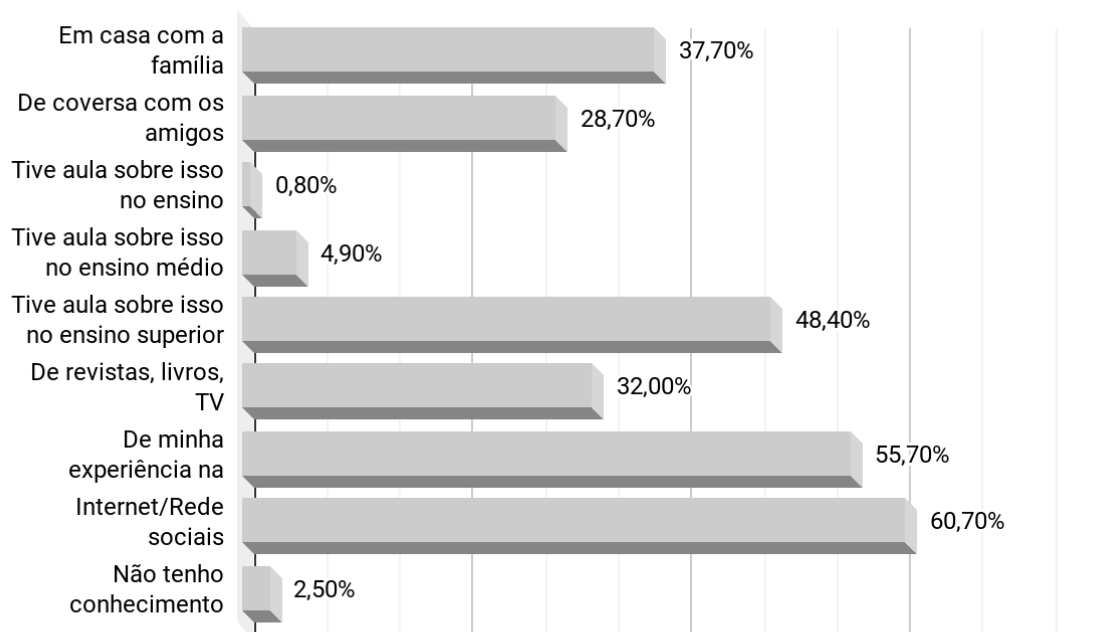
No que concerne ao modo de como realizar o controle dos gastos mensais, esse quesito mais de uma alternativa poderia ser escolhida, logo se percebe a preferência dos discentes por fazer uso da própria memória para controlar os seus recursos (37,7%), bem como por aplicativo no celular (36,9%), enquanto (6,6%) não fazem nenhum controle.

Quando questionados se as disciplinas cursadas durante a graduação influenciaram no seu comportamento financeiro, (32,8%) afirmaram que influenciaram pouco, enquanto (26,2%) disseram que influenciou muito, e (24,6%) dizem que influenciaram razoavelmente nota-se uma certa disparidade nessa questão. No estudo de (Júnior, Souza & Santos, 2015), a maior parte da amostra também concorda que a faculdade não influi para hábitos de investimentos (63%), contudo (37%) dizem que incentiva a investir.

Quando confrontados com a pergunta que buscava identificar se os conhecimentos sobre educação financeira, influenciaram sua inserção no mercado de financeiro como

investidor, (16,3%) afirmaram que não exerce nenhum tipo de influência, porquanto (83,7%) afirmaram que a Educação Financeira contribui para se tornar um investidor, demonstrando a importância do tema para proporcionar conhecimentos para que os indivíduos possam investir com sabedoria e dessa forma melhorar o seu bem estar financeiro.

Figura 1- Obtenção de conhecimentos financeiros



Fonte: Elaborado pelos autores

No que tange a obtenção dos conhecimentos financeiros, vale salientar que nesse quesito os respondentes poderiam escolher mais de uma alternativa de resposta, visto que os quesitos não tem natureza excludente, e dessa forma o indivíduo poderia ter obtido conhecimento por mais de uma fonte, logo as alternativas que mais contribuí com o conhecimento dos respondentes, são Internet/ Redes Sociais representando em termos percentuais (60,7%), em seguida da Experiência Prática (55,7%), Aulas no Ensino Superior (48,4%), e em casa com a família (37,7%). Da amostra analisada (2,5 %) afirmaram não possuir nenhum tipo de conhecimento. Nos achados de Santos (2017) (73,33%) dos discentes afirmaram que adquiriram habilidade para gerir suas finanças na universidade. Cerca de (66,67%) acreditam que aprenderam com os familiares em casa. Aproximadamente (46,67%) dos estudantes aprenderam na internet/rede sociais e (33,33%) acreditam que adquiriram conhecimento através da prática.

4.3 Conhecimentos financeiros

Tabela 5 – Afirmações sobre conhecimentos financeiros

AFIRMAÇÕES	VERDADEIRO	(%)	FALSO	(%)
Os juros compostos são capitalizados de forma exponencial, ou seja, eles são calculados sobre o capital mais os juros acumulados do período anterior.	112	91,8	10	8,2
Um investimento com alto retorno provavelmente será de alto risco.	113	92,6	9	7,4
Os títulos de renda variável apresentam um risco maior em relação aos títulos de renda fixa.	106	86,9	16	13,1
Quando a taxa de inflação está alta, significa dizer que o poder de compra do consumidor está diminuindo.	109	89,3	13	10,7
Quando um investidor distribui seu dinheiro entre diferentes tipos de investimentos, em geral o risco de perder dinheiro diminui.	102	83,6	20	16,4

Fonte: Elaborado pelos autores

Na terceira seção que tratava dos conhecimentos financeiros dos discentes, as cinco afirmações analisadas envolveram as variáveis de Juros Compostos, Risco e Retorno, Títulos de renda fixa e variável, Inflação e Diversificação de Investimentos. Analisando as informações de maneira individual é perceptível que aquelas que tratavam sobre Risco e Retorno (92,6%), Juros Compostos (91,8%) e Inflação (89,3%), foram os quesitos que apresentaram maiores níveis de acerto, enquanto as que abordavam de conhecimentos sobre Diversificação de Investimentos (16,4%) e Títulos de renda fixa e variável (13,1%) foram as afirmações que os respondentes mais apresentaram dificuldades. De maneira percebe-se que os discentes apresentam um bom nível de conhecimento financeiro, visto que em todos os quesitos analisados o percentual de acerto foi superior a (83%).

4.4 Percepção dos discentes sobre investimentos

Tabela 6 – Percepção sobre investimentos

Você participa do Mercado Financeiro como investidor?	
SIM	NÃO
36,9 %	63,1%
Em quais destes tipos de investimentos no mercado financeiro você	Por que você não participa do mercado financeiro?

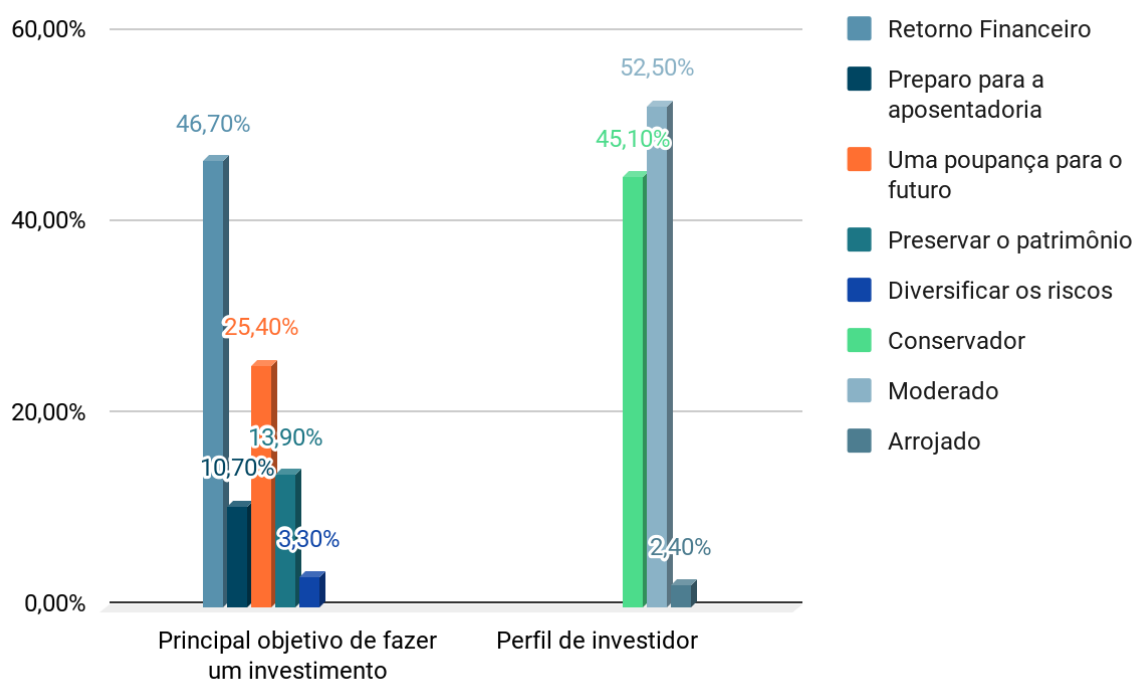
aplica seus recursos?															
CP	AC	TD	TB	PP	LCI/LCA	OU	OT	Não tenho recursos	Não tenho conhecimento			Não tenho interesse			
24,15%	24,15%	11%	14,9%	3,60%	5,50%	-	16,70%	46,2%	37,2%			16,7%			
Você se considera preparado para investir no mercado de financeiro?								Ainda se sua resposta foi negativa, em quais destes tipos de investimentos no mercado financeiro você aplicaria seus recursos?							
Nada preparado		Pouco preparado		Razoavelmente preparado		Muito preparado		CP	AC	TD	TB	PP	LCI/LCA	OU	OU
30,3%		37,7%		27,9%		4,1%		8,8%	35%	28,8%	10%	8,8%	3,7%	1,2%	3,7%

Fonte: Elaborados pelos autores

Na última seção do Instrumento de coleta de dados que tratou sobre a Percepção dos Discentes sobre investimentos, referente ao quesito que fala se os respondentes consideravam preparados para investir no Mercado Financeiro, (37,7%) da amostra afirmou não estar preparado, todavia apenas (4,1%) se acham Muito Preparado. No estudo de Costa et al (2018) das pessoas(56%) consideram que têm pouco conhecimento sobre o assunto, (36%) possuem um bom conhecimento e (8%) nenhum conhecimento.

Todavia, quando questionados se Participavam como investidor, a maior parte (63,1%) afirmaram não ser investidor, o principal motivo para esse fato é que (43,1%), não possuem recursos para fazer tais aplicações. Para a amostra de respondentes que realizam investimentos (36,9%), as aplicações que mais investem são a Caderneta de Poupança,(24,15%), e Ações (24,15%) ambas apresentando a mesma representatividade. A aplicação na Previdência Privada foi a que apresentou menor representatividade (3,60%). Os Não Investidores foram questionados que se caso eles comesçassem a realizar investimentos, qual seria o tipo de aplicação que eles escolheriam, logo foi possível identificar a preferência por Ações (35%), em seguida o Tesouro Direto (28,7%), e Títulos Bancários (10%).

Figura 2 – Objetivo de investir x Perfil de investidor



Fonte: elaborado pelos autores

A figura 2 trata de qual seria o principal objetivo de se fazer um investimento (46,7%) declararam que seria o retorno financeiro, (25,4%) afirmaram que seria a formação de poupança para a utilização futura e (13,9%) disseram que seria para preservar o patrimônio. Quanto ao perfil em relação ao risco, os discentes se autodeclararam Moderados (52,5%), ou seja, priorizam as aplicações que apresentam segurança, mas também estão dispostos a investir em ativos com certos riscos, (45,1%), priorizam as aplicações que apresentam um maior nível de segurança, possuem baixa tolerância ao risco, enquanto apenas (2,4%) se consideram Arrojados, ou seja, priorizam os investimentos que assumem altos riscos, e estão sempre em busca de maiores retornos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa apresentou o objetivo geral de verificar se a Educação Financeira influencia na inserção dos discentes da área de negócios das Universidades Paraibanas no Mercado Financeiro Brasileiro.

Na primeira seção do Instrumento de coleta de dados, que buscou identificar o Perfil Socioeconômico dos discentes, por meio dos dados, foi possível observar que dos 122 respondentes, (54,1%) pertenciam ao sexo feminino, enquanto (45,9%) foi composta por indivíduos do sexo masculino. No aspecto relacionado com a idade, a faixa etária que mais se sobressaiu foi a de pessoas entre 21 a 25 anos. Em relação ao estado civil, (79,5%) dos respondentes eram solteiros. As Instituições de Ensino Públicas apresentaram grande representatividade (95,9%), já em relação ao curso de graduação, a amostra foi composta por (81,1%) de estudantes Contabilidade, (16,4%) estudantes de Administração e (2,5%) de estudantes de Economia (2,5%). Percebe-se paridade em relação ao período cursado dos respondentes, visto que de maneira geral não existem diferenças significativas, demonstrando assim que a pesquisa conseguiu abranger os todos os semestres. No que concerne a principal fonte de renda (42,6%) afirmaram que o emprego formal é a fonte de recursos mais importante, contudo (9%) reconhecem não possuir nenhum tipo de renda. Em relação a faixa mensal, a maior representatividade afirma possuir renda de até R\$500,00. Somente (29,5%) afirmaram possuir dependentes financeiros. E em relação ao maior grau de escolaridade dos pais, (35,2%) afirmaram possuir Ensino Médio Completo.

Na segunda seção que tratou da Percepção dos discentes sobre Educação Financeira, percebe-se que a respeito dos seus conhecimentos para gerenciar seu próprio dinheiro, os respondentes (50%) afirmam que se sentem razoavelmente seguro, ou seja, conhecem a maiorias das coisas que precisaria saber sobre o assunto. Quando confrontados com a maneira de como adquiriram conhecimentos financeiros, a maior representatividade está relacionada com a Internet/ Redes Sociais, Experiência prática e Aulas no Ensino Superior. Os principais meios para realizar o controle de gastos são a memória e aplicativos do celular, (6,6%) dizem que não realizam qualquer tipo de controle. É perceptível que o período de tempo para realizar o planejamento financeiro é mensalmente. No tocante ao valor mensal, os estudantes poupam até R \$100,00 corresponde a (32,8 %), enquanto (24,6%) afirmam não poupar nenhum valor. Quando questionados se as disciplinas cursadas durante a graduação influenciaram no seu comportamento financeiro, (32,8%) afirmaram que influenciaram pouco, enquanto (26,2%) disseram que influenciaram muito, logo é perceptível que existe uma certa divergência nesse aspecto. O quesito que trata do objetivo geral da pesquisa que era verificar se os conhecimentos sobre educação financeira influenciaram sua inserção no mercado de financeiro como investidor, (16,3%) afirmaram que não exerce nenhum tipo de influência, porquanto (83,7%) afirmaram que a Educação Financeira contribui para se tornar um investidor, demonstrando a importância do tema para proporcionar conhecimentos para

que os indivíduos possam investir com sabedoria e dessa forma melhorar o seu bem estar financeiro.

No tópico que analisou as afirmações relacionadas com os conhecimentos financeiros, em relação Juros Compostos, Risco e Retorno, Títulos de renda fixa e variável, Inflação e Diversificação de Investimentos, de maneira nota-se que os discentes apresentam um bom nível de conhecimento financeiro, visto que em todos os quesitos analisados o percentual de acerto foi superior a (83%).

Na seção que averiguava a Percepção dos discentes sobre investimentos, a questão que analisava se o respondente se considerava preparado para investir no mercado de financeiro, a maior representatividade da amostra afirmou se sentir pouco preparado (37,3%), aqueles que consideram nada preparados representaram (30,3%), contudo apenas (4,1%) se consideram muito preparado. Percebe-se que (63,1%) não participam do mercado financeiro como investidor, da parte que realiza algum tipo de aplicação (36,9%), a preferência de investimentos desses são a Caderneta de Poupança, Ações apresentando a mesma representatividade, enquanto a menos escolhida foi a Previdência Privada apresentando uma representatividade de (3,60%). Para a parte da amostra que não realiza investimentos financeiros, os principais motivos para isso são a ausência de recursos (46,2%), bem como ausência de conhecimentos (37,2%). No entanto, caso estes viessem a realizar aplicações, os investimentos escolhidos seriam a Ações (35%), Tesouro Direto (28,7%) e Títulos Bancários (10%). O principal objetivo de se fazer um investimento, segundo (46,7%) da amostra analisada é o retorno financeiro, enquanto outros (25,4%) afirmam que seria para formar uma poupança para utilização futura. O perfil em relação ao risco que apresentou maior representatividade foi o Moderado (52,5%) e o Conservador (45,1%).

Essa pesquisa limitou-se a verificar o comportamento financeiro dos discentes da área de negócios, principalmente no tocante a investimentos, das Universidades Paraibanas. Para pesquisas futuras sugere-se realizar a aplicação do estudo com discentes de outros campos de conhecimentos, e realizar um estudo comparativo para identificar se existem diferenças significativas.

REFERÊNCIAS

Amadeu, J. R. (2009). A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular.

Atkinson, A., & Messy, FA (2012). Medindo a alfabetização financeira: Resultados do estudo piloto da OCDE / Rede Internacional de Educação Financeira (INFE).

Becker, GS (1962). Investimento em capital humano: uma análise teórica. *Jornal de economia política*, 70 (5, Parte 2), 9-49.

Clark, R. L., Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). Financial knowledge and 401 (k) investment performance.

Chen, H., & Volpe, R. P. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial services review*, 7(2), 107-128.

Conceição, A. S. & Braga, R. (2019). A influência da educação superior nas decisões financeiras de consumo e investimento de universitários. In: Anais do XVI Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade.

Costa, C. M., & Miranda, C. J. (2013). Educação Financeira e taxa de poupança no Brasil. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, 3(3), 57-74.

Cunha, J. V. A. D., Cornachione Junior, E. B., & Martins, G. D. A. (2010). Doutores em ciências contábeis: análise sob a óptica da teoria do capital humano. *Revista de Administração Contemporânea*, 14(3), 532-557.

da Cruz Costa, J., da Silva Martins, L. A., Gonçalves, R. B., Mascarenhas, M. P., & Marçal, S. A. (2018). Conhecimento/investimento no mercado financeiro dos alunos de uma IES. *LIBERTAS: Revista de Ciências Sociais Aplicadas*, 8(1), 245-257.

da Silva, M. A., Leal, E. A., & Araujo, T. S. (2018). Habilidades matemáticas e o conhecimento financeiro no ensino médio. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 12, e147269-e147269.

Dal Magro, C. B., Gorla, M. C., da Silva, T. P., & Hein, N. (2018). O efeito da família no comportamento financeiro de adolescentes em escolas públicas. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 12, e142534-e142534

de Amorim, K. A. F., Lucena, G. K. F., Girão, L. F. D. A. P., & de Queiroz, D. B. (2018). A influência da educação financeira na inserção dos investidores no mercado de capitais brasileiro: um estudo com discentes da área de negócios. *Race: revista de administração, contabilidade e economia*, 17(2), 567-590.

DE OLIVEIRA, K. N., MARINHO, M. S., & LIMA, E. M. Fatores que Influenciam o Desempenho dos Alunos na Olimpíada de Educação Financeira.

Kühl, M. R., Valer, T., & Gusmão, I. B. (2016). Alfabetização financeira: evidências e percepções em uma cooperativa de crédito. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 11(2).

JÚNIOR, A. D. S. M., & de Figueiredo RAMOS, B. (2012). EDUCAÇÃO FINANCEIRA E MERCADO DE CAPITAIS: um estudo sobre a importância da desmistificação do mercado de capitais e educação financeira na sociedade brasileira. *Revista Eletrônica de Debates em Economia*, 1(1), p-112.

Junior, I. P. G., Santos, A. C., & Souza, E. A. (2015). Investimento financeiro: uma análise do perfil investidor dos universitários do recôncavo da Bahia. *Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI*, 2(2).

LUCCI, C. R., ZERRENNER, S. A., VERRONE, M. A. G., & SANTOS, S. D. (2006). A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. *Seminário em Administração*, 9.

Lusardi, A., & Mitchell, OS (2011). Literacia financeira ao redor do mundo: uma visão geral. *Série de Documentos de Trabalho do National Bureau of Economic Research*, (w17107).

Marconi M. A. & Lakatos E. M. (2009). Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Melo, M. A. F. (2016). *Educação financeira: educação financeira, poupança e investimento* (Dissertação de Mestrado).

Mincer, J. (1974). Escolaridade, experiência e ganhos. Comportamento humano e instituições sociais No. 2.

Nakamura, J. & Barbosa, M. (2020). Poupança ainda é o investimento mais escolhido pelos brasileiros, aponta levantamento CNDL/SPC Brasil. <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/indice/7272>. Acesso em 24 Dez, 2020.

OECD. (2005). *Improving Financial Literacy: Analysis of issues and policies*. Paris. 2005.

Rashid, A. A. A., Jantan, M. S., Fairuz, M. A. F. A., & Halim, N. A. A. (2020). Financial Knowledge and Personal Financial Literacy in Investment Priorities Among University Students. *Available at SSRN 3541998*.

Santos, A. F. D. (2017). Educação financeira: um estudo sobre o conhecimento dos discentes de Ciências Contábeis.

Savoia, J. R. F., Saito, A. T., & Santana, F. D. A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração pública*, 41(6), 1121-1141.

Soares, F. P. (2017). *Os debates sobre a Educação Financeira em um contexto de financeirização da vida doméstica, desigualdade e exclusão financeira* (Doctoral dissertation, Tese de doutorado). PUC-Rio.

Schultz, TW (1961). Investimento em capital humano. *The American economic review*, 51 (1), 1-17.

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2015). Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26(69), 362-377.

Viana, G., & Lima, J. F. D. (2010). Capital humano e crescimento econômico. *Interações (Campo Grande)*, 11(2), 137-148.

Vieira, S. F. A., Bataglia, R. T. M., & Sereia, V. J. (2011). Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. *Revista de Administração Unimep*, 9(3), 61-86.